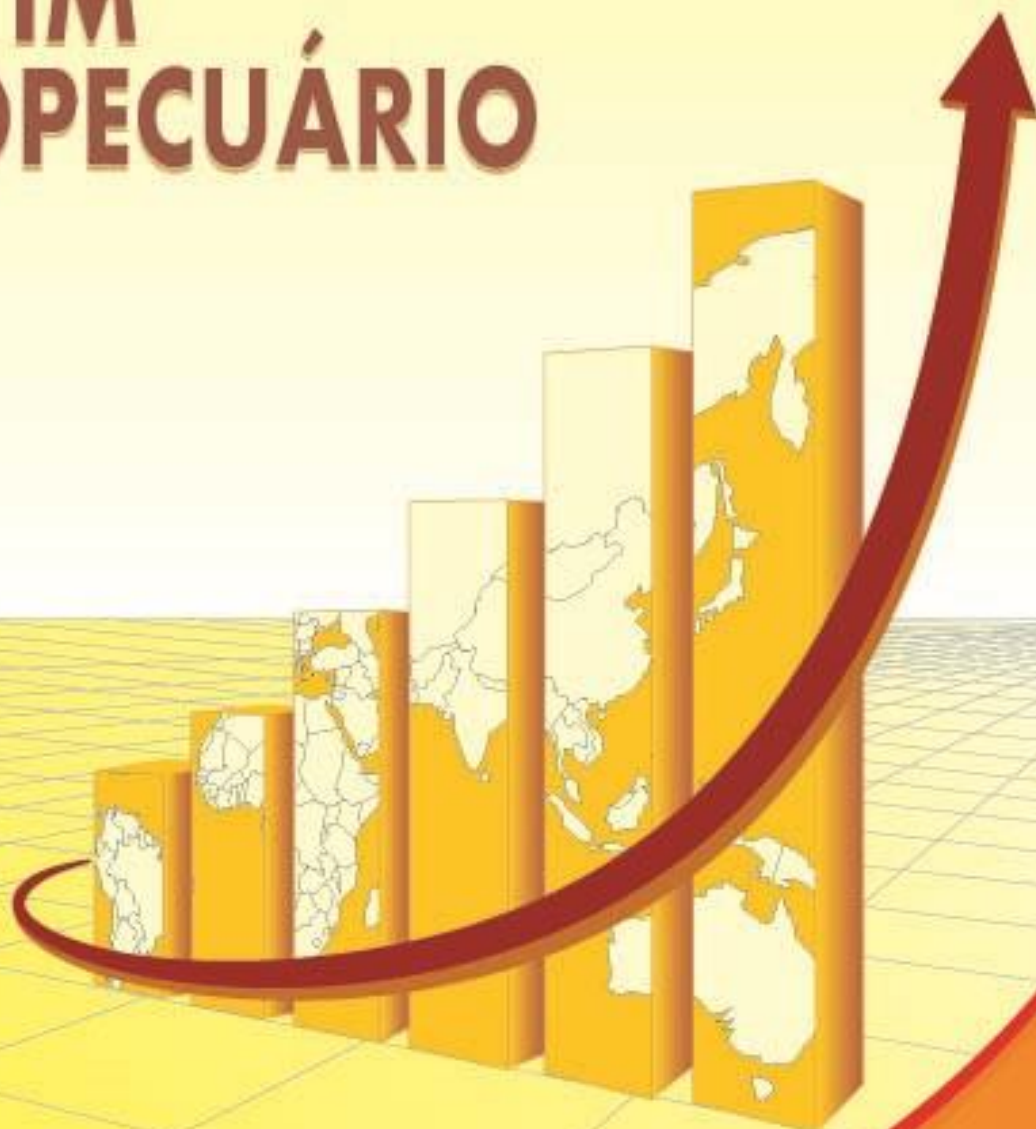


1ª Quinzena de
Maio/2015

BOLETIM AGROPECUÁRIO



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

CEPA

Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO
DE SANTA
CATARINA**

Secretaria da Agricultura
e da Pesca



Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Neiva Dalla Vecchia
Desenvolvimento Institucional

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Epagri/Cepa
Reney Dorow



BOLETIM DE ECONOMIA RURAL nº 21

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Daniel Rogério Schmitt
Dilvan Luiz Ferrari
Francisco Carlos Heiden
Gláucia de Almeida Padrão
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2015

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – Epagri

Rodovia Admar Gonzaga, 1.347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Internet: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – CEPA

Rodovia Admar Gonzaga, 1.486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Internet: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão

Elaboração

Francisco Carlos Heiden
Glaucia de Almeida Padrão
Luiz Marcelino Vieira
Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin
Reney Dorow
Rogério Goulart Junior

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho
Eugenio Moretti Garcia – Jaraguá do Sul (UGT 6)
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Marcia Mondardo
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa
Valdir Cembranel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Epagri/Cepa

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Epagri/Cepa - Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Centro de pesquisa da Epagri tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*, que reúne em um único documento as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina, anteriormente publicados por produtos.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isto, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos trinta dias. Em casos esporádicos poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos.

Além das informações por produtos, eventualmente poderão ser divulgados nesse documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados para o mercado.

O Boletim Agropecuário pretende se transformar em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios, fortalecendo sua relação com o mercado agropecuário, por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site do Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>, inclusive poderão ser resgatados as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

Sumário

Sumário	6
Artigo	7
Agricultura e Agroindústria Familiar em Santa Catarina	7
Cebola – Safra catarinense 2014/15 encerra com preços altos	13
Fruticultura	14
Banana	14
Grãos	17
Arroz	17
Milho	20
Soja	23
Pecuária	26
Leite	26
Bibliografia citada	29

Artigo

Agricultura e Agroindústria Familiar em Santa Catarina

Dilvan Luiz Ferrari
Engenheiro Agrônomo, Dr. - Epagri/Cepa
dilvanferrari@epagri.sc.gov.br
Tabajara Marcondes
Engenheiro Agrônomo - Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Santa Catarina historicamente alicerçou as bases de sua economia rural a partir da constituição e consolidação de um sistema de produção e trabalho vinculados à unidade de produção e reprodução familiar. A família é o núcleo central de um modo de produzir e viver que consolidou no estado uma agricultura dinâmica e diversificada. Em Santa Catarina, 87% estabelecimentos agropecuários são de agricultores familiares; no Brasil essa participação é de 84%. Em ambas as situações verifica-se que a elevada participação da agricultura familiar no número de estabelecimentos contrasta com sua baixa participação na posse da terra (Tabela 1).

Tabela 1 - Número e área dos estabelecimentos agropecuários por tipo de agricultura –2006

Brasil/ Santa Catarina	Número (Unidades)				Área (milhões de ha)			
	Total	Não familiar	Familiar	% da Agricultura familiar	Total	Não familiar	Familiar	% da Agricultura familiar
Brasil	5.175.636	809.369	4.366.267	84	333,680	253,577	80,103	24
Santa Catarina	193.668	25.156	168.512	87	6,063	3,419	2,643	44

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 2006⁽¹⁾.

⁽¹⁾ O Censo tomou por base a Lei 11.326 (24.07.2006), que estabelece os critérios para classificação dos agricultores familiares no Brasil.

Em termos de valor da produção, em 2006, a agricultura familiar catarinense respondeu por 67% do total do valor da produção dos estabelecimentos agropecuários do Estado (no Brasil correspondeu a 36%). Em relação à participação da agricultura familiar em algumas atividades específicas da agropecuária, constata-se não apenas a importante participação desta forma social de produção e consumo, como também uma maior representatividade da agricultura familiar catarinense em relação à do país (Tab.2).

Tabela 2 - Produção dos estabelecimentos agropecuários por tipo de produção e de agricultura – 2006

Tipo de produção	Brasil				Santa Catarina			
	Produção/Rebanho			% da Agricultura familiar	Produção/Rebanho			% da Agricultura familiar
	Total	Não familiar	Familiar		Total	Não familiar	Familiar	
Arroz ⁽¹⁾	9.688	6.484	3.204	33,1	846	306	540	63,8
Feijão	1.951	755	1.197	61,3	184	49	134	73,2
Milho ⁽¹⁾	41.428	22.555	18.873	45,6	4.110	965	3.145	76,5
Bovinos ⁽²⁾	176,1	123,8	52,4	29,7	3,1	1,1	2,0	65,1
Suínos ⁽²⁾	31,2	12,8	18,4	59,0	6,6	2,2	4,4	66,5
Aves ⁽²⁾⁻⁽⁴⁾	1.143,5	558,5	584,9	51,2	180	63	117	65,0
Leite ⁽³⁾	20,6	8,7	11,8	57,6	1,4	0,2	1,2	87,0

Mil toneladas⁽¹⁾ - Milhões de cabeças⁽²⁾ - Bilhão de litros⁽³⁾ - Inclui galinhas, galos, frangas (os) e pintos⁽⁴⁾.

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 2006.

A relevância da agricultura familiar catarinense fica ainda mais evidente quando comparada à dos dez estados de maior valor de produção do país. Em 2006, o valor da produção de Santa Catarina representou 5,5% do total e situou o estado na 7ª posição nacional. Na agricultura familiar representou quase o dobro (10,2%) e situou o estado na 3ª posição nacional; atrás apenas de estados como RS, PR, com muito mais agricultores familiares. Ainda mais expressiva é a participação de 67% da agricultura familiar no valor total da produção estadual, bem acima desses estados, com exceção ao Pará (Tabela 3).

Tabela 3 - Valor total da produção dos estabelecimentos agropecuários por tipo de agricultura – 2006

Unidade da Federação	Valor da produção (milhões de reais)			% da Agricultura Familiar
	Total	Não familiar	Familiar	
São Paulo	28.188	24.121	4.067	14
Minas Gerais	20.794	14.949	5.845	28
Rio Grande do Sul	18.156	8.074	10.082	56
Paraná	16.735	8.968	7.767	46
Mato Grosso	12.292	10.783	1.508	12
Bahia	9.050	5.330	3.720	41
Santa Catarina	9.035	2.976	6.059	67
Goiás	8.882	7.174	1.708	19
Mato Grosso do Sul	7.205	6.308	897	12
Pará	5.040	1.764	3.276	65
Total do Brasil	163.986	104.764	59.222	36

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 2006.

Algumas evidências empíricas recentes indicam sensíveis mudanças na estrutura produtiva do espaço rural brasileiro e catarinense. Acredita-se numa provável redução da participação da agricultura familiar em várias atividades produtivas tradicionais, como é o caso de arroz, feijão, milho, suínos e aves no estado de Santa Catarina. Isso é parte do processo de transformação estrutural do espaço rural catarinense que, relacionado a “outros” (concentração da produção, redução do número de produtores de várias cadeias produtivas, redução da população rural, redução do número de “jovens rurais”, dificuldade de sucessão na agricultura familiar, maior controle dos segmentos à jusante e à montante sobre a produção) remete os agricultores familiares a buscarem continuamente “novas” possibilidades para sua reprodução social.

Uma dessas possibilidades está relacionada ao processo de produção e processamento de produtos tradicionalmente transformados no seio da unidade familiar e que fazem parte da dieta e da cultura alimentar destas famílias de agricultores.

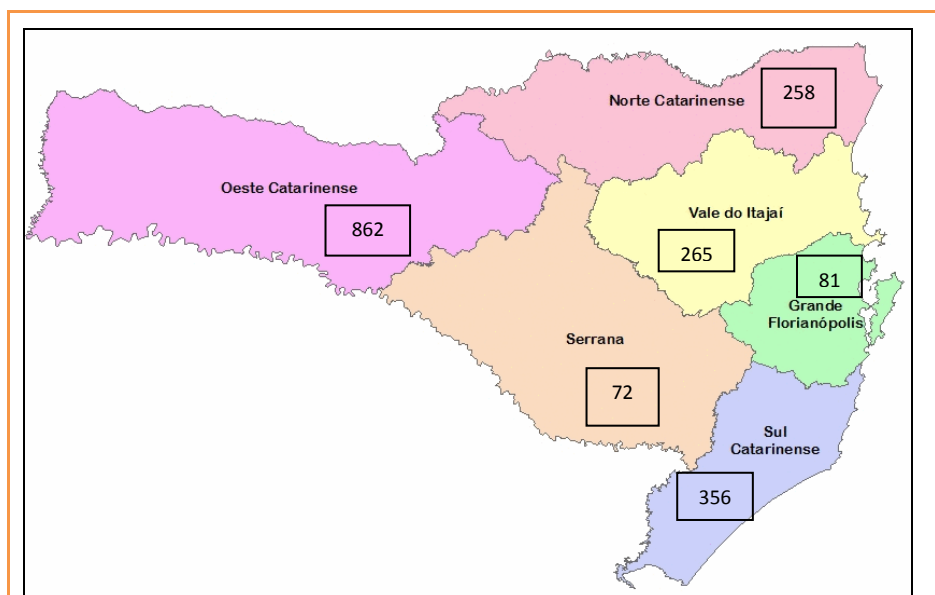
A dimensão da agroindústria familiar rural em Santa Catarina

A dinâmica que envolve a constituição e consolidação das agroindústrias de base familiar em Santa Catarina se insere num processo em que os agricultores buscam ampliar sua autonomia e ter maior controle dos processos de produção e de trabalho para fugir ao aperto econômico a que estão submetidos. Através das agroindústrias familiares os agricultores constroem inovadoras e múltiplas formas de inserção nos circuitos de troca.

Distribuição territorial e diversidade produtiva

As agroindústrias rurais familiares têm sido apontadas como uma dimensão chave nos novos padrões de desenvolvimento rural emergentes. Através delas estabelecem-se novos padrões de consumo agroalimentares e maior conexão entre produtores e consumidores que, em Santa Catarina, está presente notadamente em mercados de contato direto e de proximidade espacial. O levantamento realizado pela Epagri identificou 1.894 agroindústrias familiares localizadas no espaço rural indicando a importância social e econômica destes empreendimentos para muitas famílias de agricultores catarinenses, de maneira particular em algumas regiões do estado (figura abaixo).

As mesorregiões com maior concentração de agroindústrias (Oeste, Vale do Itajaí, Sul) se caracterizam por uma agricultura familiar dinâmica, de pequena escala, diversificada e pelo enraizamento sociocultural do processamento de produtos para o consumo familiar. O Vale do Itajaí e o Sul catarinense se caracterizam pelo denso entrelaçamento entre rural e urbano, facilitando as trocas em circuitos curtos através de vendas diretas, feiras, rotas gastronômicas e agro turismo. A região Oeste catarinense, por sua vez, é emblemática pelo convívio de dinâmicas de desenvolvimento concorrentes: uma (dominante) tem por base a verticalização da produção por grandes conglomerados do setor de carnes (BRF; Aurora; Seara); outra (nas sombras do regime sociotécnico hegemônico) se constitui via redes horizontais formadas a partir de inúmeras iniciativas de agregação de valor, dentre elas, as agroindústrias de base familiar (WILKINSON et al., 2011).



Fonte: Tabulação do levantamento da Epagri, 2010.

Distribuição das 1.894 agroindústrias familiares nas mesorregiões geográficas de SC

Tanto quanto a expressividade quantitativa dos empreendimentos chama atenção a diversidade de matérias primas processadas, as quais determinam um conjunto heterogêneo de cadeias produtivas que alicerçam estas agroindústrias no estado (Tabela 4), tributárias de um histórico de tradição e “saber-fazer” relacionados com as culturas e criações tradicionais destes agricultores praticadas em suas terras, ampliando as possibilidades de inserção nos mercados a partir da oferta de uma cesta de produtos.

Mesmo com essa diversidade nas diferentes mesorregiões, pode-se destacar a importância relativamente maior de algumas cadeias. As agroindústrias familiares rurais de leite, suínos, ovos e cana-de-açúcar se destacam na mesorregião Oeste catarinense. Os engenhos de mandioca e a respectiva produção de farinha, por sua vez, são atividades centenárias da cultura e do modo de vida dos colonizadores da região Sul catarinense. Já no Norte catarinense cresce em importância a produção de derivados de frutas e também de produtos de panificação. No Vale do Itajaí se revela uma gama diversa de produtos oriundos da agroindústria familiar.

Tabela 4. Agroindústrias por tipo de produto, segundo as mesorregiões geográficas do IBGE

Produto	Mesorregião/Nº de Agroindústrias ⁽¹⁾						Total ⁽¹⁾
	Grande Florianópolis	Norte	Oeste	Serrana	Sul	Vale do Itajaí	
Frutas e derivados	30	68	173	14	56	53	394
Cana-de-açúcar e derivados	14	21	193	15	93	41	377
Massa/Panificação	15	51	134	12	60	46	318
Leite e derivados	7	24	138	15	22	52	258
Mandioca e derivados	16	30	48	2	61	31	188
Hortaliças e derivados	15	34	64	5	23	35	176
Mel e derivados	6	22	41	8	17	24	118
Suínos e derivados	2	24	58	3	16	10	113
Ovos	6	11	61	2	18	6	104
Grãos e derivados	4	4	30	1	16	4	59
Aves e derivados	3	8	26	2	3	8	50
Bovinos e derivados	1	10	17	2	3	6	39
Outros ⁽²⁾	15	13	82	4	19	23	156
Total⁽²⁾	134	320	1.065	85	407	339	2.350

⁽¹⁾A mesma agroindústria pode trabalhar com mais de um tipo de produto. Portanto, os números dessa tabela são superiores ao número total de agroindústrias.

⁽²⁾Pescado e derivados, madeira, palmáceas, ovinos e derivados, vassoura, erva-mate, plantas medicinais.

Fonte: Tabulação do levantamento da Epagri, 2010.

Aspectos sociais e econômicos dos empreendimentos

As 1.894 agroindústrias familiares geraram 7.215 postos de trabalho diretos e movimentaram no ano de 2009 cerca de R\$140 milhões em comercialização, uma média de R\$72 mil por agroindústria. As cadeias do leite, frutas e derivados, suínos e derivados, massas e panificação se destacam ao alcançarem somadas 48,3% do valor econômico gerado. A agroindústria de leite e derivados é a de maior expressão econômica, com 17% de participação. Com 12,1% aparece a de frutas e derivados e com 10,2% a de suínos e derivados (ver Marcondes et al., 2012). Esta dinâmica parece estar relacionada à escala de produção e ao valor agregado diferenciados de cada uma das cadeias produtivas.

A maioria destas iniciativas (87%) é individual ou familiar. As 13% coletivas são, em geral, formadas por grupos de parentesco ou vizinhança e com pequeno número de sócios (a maioria entre três e cinco)⁽¹⁾. São cerca de 7.100 pessoas envolvidas (proprietários e sócios/cooperados) nas agroindústrias, o que evidencia a importância dessas iniciativas na geração de oportunidades de ocupação e renda no meio rural, sendo que cerca de 40% dessas pessoas estão ligadas a iniciativas grupais. Em relação às pessoas que trabalham nestes empreendimentos, 80% delas são agricultores familiares e somente 20% são trabalhadores contratados. Ressalta-se também a expressiva participação das mulheres (25% do total de empreendimentos) no comando destas agroindústrias rurais.

Outro ponto relevante é o fato que 45% destas agroindústrias já têm mais que cinco anos de existência o que indica uma trajetória sustentável (no contexto de pequenos negócios) para a produção de alimentos artesanais/coloniais que são reconhecidos, apreciados e demandados pelos consumidores catarinenses. Igualmente se observa que muitas delas são recentes (22% têm menos de três anos) revelando um intenso dinamismo na constituição destes empreendimentos, que se tornam nova alternativa de trabalho e renda para muitas famílias rurais e, notadamente, para a permanência de jovens⁽²⁾ agricultores no meio rural.

Em relação ao predomínio da organização com base nos laços de parentesco, na perspectiva de Ferrari (2011) as redes sociotécnicas estruturadas a partir de “projetos externos” (por exemplo, Pronaf Agroindústria) passam com o amadurecimento dos processos a se alinhar com as redes sociais historicamente construídas pelos atores locais. Isto se verifica especialmente quando os meios de produção e de trabalho têm que ser partilhados e os resultados dessa ação são coletivos. Contudo, quando se trata de construir relações com os mercados, a aparente individualidade dos empreendedores se dilui e se conformam estruturas ou redes de mercantilização via associações e, sobretudo, cooperativas. Mesmo nas agroindústrias individuais/familiares, 36% delas estão inseridas nestas redes⁽³⁾. Assim, são múltiplas as estratégias para inserção nos mercados.

Considerações finais

A geração de valor agregado e criação de postos de trabalho através da constituição e expansão de agroindústrias rurais em regime familiar a partir de uma base de recursos autocontrolada faz parte da estratégia de parcela dos agricultores familiares catarinenses. Estas iniciativas permitem que simples produtores de matérias primas passem a processar e vender alimentos nos diversos mercados ampliando sua autonomia e as possibilidades de sua reprodução social e econômica.

Contudo, as possibilidades de concretização destas estratégias dependerão da persistência, do empreendedorismo e da capacidade de organização dos agricultores com o objetivo de superar uma série de obstáculos, notadamente aqueles relacionados à legislação sanitária, sobretudo nos serviços de inspeção de produtos de origem animal; os logísticos relacionados à escalas mínimas de operação; à pressão competitiva nos mercados de produtos das agroindústrias familiares; os de construção de sinais distintivos da qualidade perante o consumidor.

⁽¹⁾ A consolidação de uma agroindústria grupal (diversas famílias rurais, com algum grau de parentesco ou não) passa pela mobilização de recursos sociais (imersos nas relações sociais envolvendo, amizade, parentesco, confiança, reciprocidade) que se encontram de forma heterogênea nas comunidades rurais (MIOR, 2005).

⁽²⁾ O trabalho de Marcondes et al. (2012) mostra um total de 994 jovens que permaneceram ou retornaram ao meio rural motivadas pela oportunidade gerada a partir do trabalho nas agroindústrias familiares situadas em estabelecimentos agrícolas de seus pais.

⁽³⁾ A análise da magnitude e da trajetória das redes de cooperação da agricultura familiar de Santa Catarina pode ser vista em Mior et al. (2014).

A constituição e consolidação destes empreendimentos têm recebido o apoio do programa SC Rural, uma parceria do governo do Estado com o Banco Mundial. Contudo, a efetividade das ações passa pela elaboração de uma nova legislação específica para as agroindústrias rurais de base familiar e pela consolidação de um programa pela Secretaria de Estado da Agricultura tendo por base uma política pública amparada em legislação no âmbito estadual.

O processo de agregação de valor através da agroindústria familiar, do artesanato, do turismo rural, da prestação de serviços e com a constituição de redes de cooperação evidencia que um novo padrão de desenvolvimento no espaço rural catarinense está emergindo. A miríade de empreendimentos de agregação de valor e a correspondente constituição de redes de cooperação mostram a capacidade de iniciativa dos agricultores familiares com importante repercussão na vida social e econômica das comunidades rurais catarinenses.

Referências

FERRARI, D. L. **Cadeias Agroalimentares Curtas: a construção social de mercados de qualidade pelos agricultores familiares em Santa Catarina.** 2011. 345f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

IBGE. **Censos Agropecuários de Santa Catarina.** 1975, 1985, 1995/96, 2006.

MARCONDES, T. et al. **Os empreendimentos de agregação valor e as redes de cooperação da agricultura familiar de Santa Catarina.** Florianópolis: Epagri, 2012.

MIOR, L. C.; FERRARI, D. L.; MARCONDES, T.; MONDARDO, M. Redes, agroindústrias familiares e os novos mercados em Santa Catarina. In: ESTEVAM, D. O.; MIOR, L. C. (Org.) **Inovações na Agricultura Familiar: as cooperativas descentralizadas em Santa Catarina.** Florianópolis: Insular, 2014. p. 73-100.

MIOR, L. C. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural.** Chapecó: Ed. Argos, 2005. 318 p.

WILKINSON, J.; DORIGON, C.; MIOR, L. C. The emergence of SME agro-industry networks in the shadow of agribusiness contract farming: a case study from the south of Brazil. In: SILVA, C. A. da; MHLANGA, N. **Innovative Policies and Institutions to Support Agro-Industries Development.** Roma: FAO, 2011. p. 87-119.

Cebola – Safra catarinense 2014/15 encerra com preços altos

Daniel Rogério Schmitt
Eng. Agrônomo, Est. Exp. Epagri Ituporanga
danielschmitt@epagri.sc.gov.br

Em Santa Catarina a comercialização da safra de cebola 2014/15 encerrou com preços altos e intensa procura. Os preços recebidos pelos poucos produtores que ainda dispunham de bulbos chegou a R\$ 3,00/kg para a classe 3, por causa da falta do produto no mercado nacional. Dados preliminares do IBGE apontam para uma colheita de 509 mil t, com rendimento de 26,4 t/ha, em 19.326 ha cultivados. Todavia, a oferta líquida deve ficar em torno 330 mil t, significando, somente em Santa Catarina, uma redução de 80 mil t em relação à safra anterior.

A alta dos preços era prevista em função da quebra nas safras do sul do Brasil. No Rio Grande do Sul a comercialização já se encerrara em fevereiro com redução de 40% na oferta. Em Santa Catarina a quebra é estimada em 20% no volume ofertado, devido à redução na produção e às perdas pós-colheita muito altas. O clima na primavera de 2014 foi bastante atípico, com mudanças bruscas de temperatura, além de chuvas e calor intenso no período de colheita, prejudicando a formação e conservação dos bulbos. No Paraná as perdas foram avaliadas em 10%. Desta forma a oferta sulina recuou em cerca de 130 mil t, promovendo a elevação dos preços.

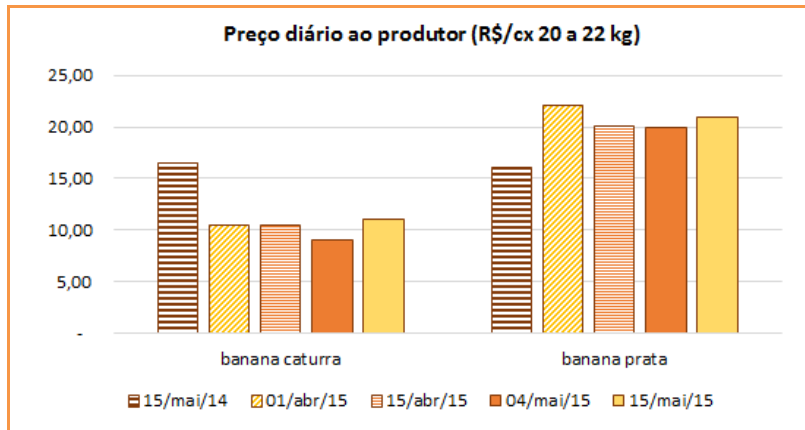
A importação de cebolas foi a alternativa para compensar a redução da oferta. De outubro a maio, período tradicional de comercialização da safra catarinense, o Brasil importou 112 mil t. O destaque foram as compras da Holanda, que representaram 49% deste montante e que contribuíram para a manutenção de preços baixos para os cebolicultores catarinenses nos meses de novembro e dezembro/2014. Houve importação excessiva em outubro, que somada aos excedentes da produção do Cerrado brasileiro, mantiveram os preços recebidos pelos produtores abaixo de R\$ 1,00/kg até janeiro de 2015.

A oferta a preços competitivos por parte da Holanda e da Espanha se deveu à boa produtividade das suas lavouras em 2014. Além disso, a reação russa ao bloqueio comercial imposto pelos EUA e União Européia, devido a Guerra da Ucrânia, foi boicotar a compra de hortifrutigranjeiros europeus. Assim, a grande oferta de cebolas na Europa estimulou a procura por novos mercados. Os comerciantes brasileiros, cientes das perdas na safra sulina, trataram de antecipar as compras, tendo em vista que as importações da Argentina somente seriam possíveis em maior escala a partir de abril.

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.sc

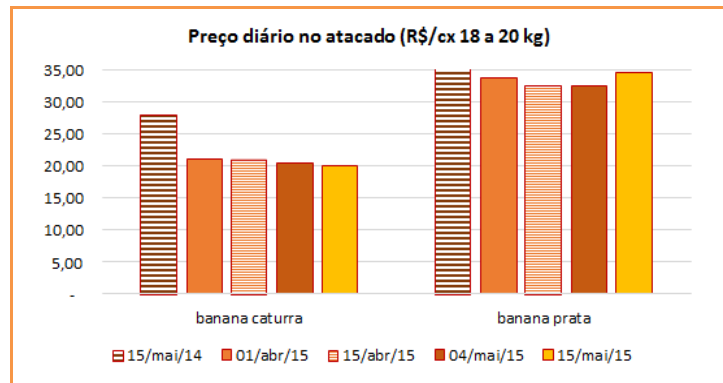


Fonte: Epagri/Cepa.

Banana - Evolução do preço diário ao produtor em Santa Catarina

Na primeira quinzena de maio de 2015, o preço apresentou tendência de aumento em 22% para a caturra e 5% para a prata. Nos últimos trinta dias, entre 15 de abril e 15 de maio, a caturra teve aumento no preço de 4,8% e a prata de 5%, representando leve recuperação. Já, entre 1º. de abril e 4 de maio, o preço da caturra apresentou tendência de queda de 14% e o da prata de 9%. No acumulado de doze meses houve a diminuição de 33% no preço da caturra, enquanto a banana prata aumentou seu preço em 31%. Na lavoura há expectativa de aumento na produção, seguindo a média sazonal, o que pode manter o preço da caturra abaixo do esperado.

Nos últimos trinta dias o preço no atacado reverteu a tendência anterior para a banana caturra apresentando diminuição de 4,8%, enquanto a prata seguiu a recuperação com aumento de 5,6%. Já no período de doze meses segue a queda no preço em 28,6% para a caturra e 4,2% para a prata. E na primeira quinzena de maio ocorreu pequena diminuição de 2,4% no preço da caturra e recuperação de 6% no preço da prata. A demanda pela fruta está retraída pelos exportadores e comerciantes locais que aguardam a recuperação do valor da fruta no mercado.



Fonte: Epagri/Cepa.

Banana - Evolução do preço diário no atacado em Santa Catarina

Banana - Preço médio ao produtor nas principais praças de Santa Catarina

(R\$/cx 20 a 22 kg)

Praça	Data		Variação (%)
	15/04/15	15/05/15	
Jaraguá do Sul			
Caturra	11,00	s/ inf.	
Prata	20,00	s/ inf.	
Sul Catarinense			
Caturra	10,00	11,00	10,0
Prata	20,00	21,00	5,0

Fonte: Epagri/Cepa.

Na Praça de Jaraguá do Sul no período analisado entre abril e maio, o preço médio ao produtor apresenta expectativa de queda para a caturra, enquanto a prata reverte sua tendência com expectativa de aumento no preço. No Sul Catarinense, o preço da banana prata apresentou tendência de aumento, e o da caturra mantém a tendência sazonal de recuperação. Com temperaturas mais amenas a oferta de banana ainda permanece baixa na região

Banana - Preço médio no atacado nas principais praças de Santa Catarina

(R\$/cx 18 a 20 kg)

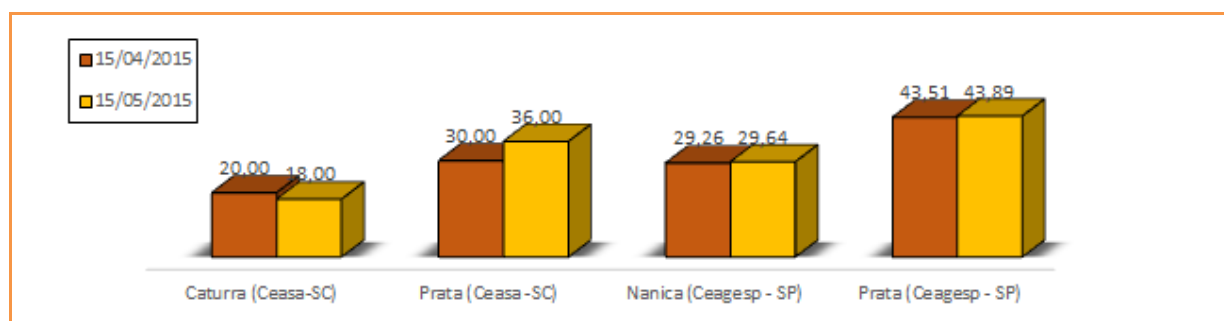
Praça	Data		Variação (%)
	15/04/15	15/05/15	
Florianópolis (Ceasa)			
Caturra	20,00	18,00	-10,0%
Prata	30,00	36,00	20,0%
Jaraguá do Sul			
Caturra	22,00	s/ inf.	
Prata	36,00	s/ inf.	
Sul Catarinense			
Caturra	21,00	22,00	4,8%
Prata	32,00	33,00	3,1%

Fonte: Epagri/Cepa.

Mas, no Litoral Norte de SC a produtividade tende a cair nesta época do ano com a banana prata diminuindo na roça, e manutenção da produção de caturra.

No atacado, o preço da caturra na Ceasa apresentou recuperação, enquanto o da prata sofreu leve queda. A praça de Jaraguá do Sul reverte a tendência de aumento nos preços do período anterior, para leve diminuição nas duas variedades. No Sul Catarinense a prata e a caturra seguem recuperando o preço no mercado.

A comercialização para indústria está retraída com expectativa de aumento da oferta da banana nas próximas semanas. Já o estoque refrigerado da fruta verde está aumentando no aguardo de melhores preços para negociação da fruta madura, que agrega valor.



Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Banana – Preço médio no atacado - centrais de abastecimento de SC e SP

Nas centrais de abastecimento o preço tanto da caturra como da prata ainda se mantém ascendente, devido a retração da compra do produto pelos distribuidores locais e intermediários.

Banana - Preço médio ao produtor nas principais praças do Brasil -

 (R\$/cx 21 kg)⁽¹⁾

Praça	Data		Variação(%)
	15/04/15	15/05/15	
Bom Jesus da Lapa			
Nanica	16,59	10,29	-38,0
Prata	31,50	30,66	-2,7
Norte de Minas Gerais			
Nanica	16,80	8,40	-50,0
Prata	35,70	35,70	0,0
Vale do Ribeira			
Nanica	18,69	14,70	-21,3
Prata	30,66	31,08	1,4
Vale São Francisco			
Nanica
Prata	24,57	23,73	-3,54

⁽¹⁾ Preço médio em R\$/kg calculado para uma caixa de 21 kg.

Fonte: adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Nas principais praças, a banana nanica reverte a tendência de aumento nos preços, com diminuição provocada pela concorrência de outras frutas da estação, como a tangerina.

As regiões produtoras de Minas e Nordeste brasileiro, ainda sofrem com o período de estiagem, e há expectativa de retardamento no amadurecimento dos cachos, com temperaturas baixas que atrasaram a maturação da fruta.

Houve diminuição no volume exportado entre março e abril, o que pode aumentar a oferta da banana no mercado interno.

Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2015 em relação à safra 2014

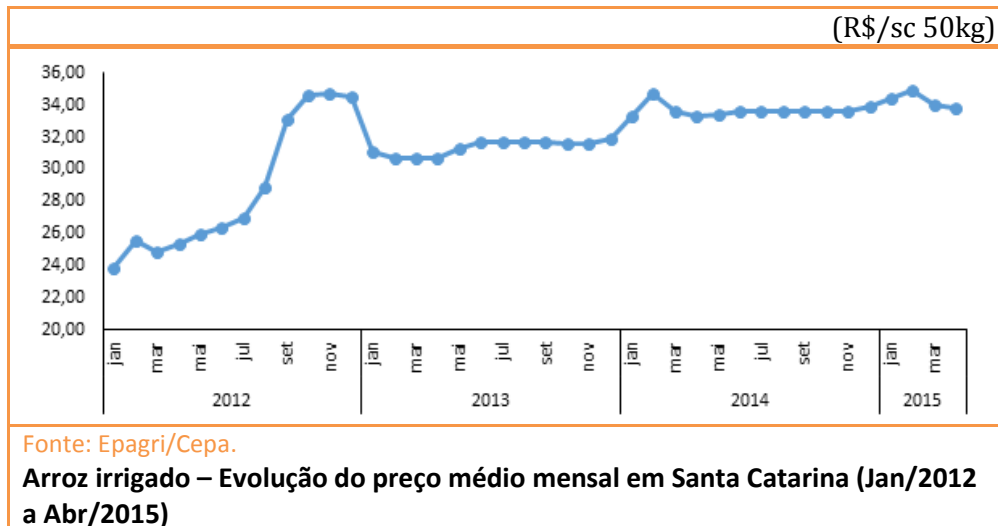
Santa Catarina - Principais Microrregiões com cultivo de Banana	Safr anterior – 2014 (Janeiro a Dezembro)			Estimativa inicial - 2015 (Janeiro a Dezembro)			Estimativa atual - 2015 (Janeiro a Dezembro)			Est. inicial / Safr anterior (%)		
	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Blumenau	4.503	136.155	30.236	4.503	136.176	30.241	4.503	136.155	30.236	0,0	0,0	0,0
Itajaí	3.992	115.227	28.864	3.992	115.227	28.864	3.992	115.227	28.864	0,0	0,0	0,0
Joinville	14.022	384.524	27.423	14.022	384.524	27.423	14.022	384.524	27.423	0,0	0,0	0,0
Araranguá	5.419	45.868	8.464	5.190	49.600	9.557	5.096	47.990	9.417	-6,0	4,6	11,3
Criciúma	1.504	19.105	12.703	1.503	20.249	13.472	1.490	20.263	13.599	-0,9	6,1	7,1
Tubarão	215	2.364	10.995	225	2.667	11.853	229	2.737	11.952	6,5	15,8	8,7
Total	29.655	703.243	23.714	29.435	708.443	24.068	29.332	706.896	24.100	-1,1	0,5	1,6

Fonte: IBGE/LSPA e Epagri/Cepa.

Grãos

Arroz

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dr^a - Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Arroz irrigado - Preço médio ao produtor nas principais praças de Santa Catarina – 2015

(R\$/sc 50kg)

Praça	15/04/2015	15/05/2015	Var. Mens. (%)
Jaraguá do Sul	33,00	S./Inf	-
Rio do Sul	33,00	33,00	0,00
Sul Catarinense	35,20	35,20	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado - Preço médio no atacado nas principais praças de Santa Catarina – 2015

(R\$/Fardo 30kg)

Praça	15/04/2015	15/05/2015	Var. Mens. (%)
Jaraguá do Sul	56,00	S./Inf	-
Rio do Sul	56,75	56,75	0,00
Sul Catarinense	57,60	57,60	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços ao produtor, nos últimos trinta dias se mantiveram estáveis nas principais praças de Santa Catarina, tanto no atacado (arroz parbolizado – Fardo 30kg) quanto ao produtor (arroz irrigado – saca 60kg. Nas principais praças do Rio Grande do Sul, os preços apresentaram variação nos últimos trinta dias, com excessão das praças de Jaguarão e Uruguaiana. A explicação para esta variação nos preços é o avanço da colheita do arroz nos principais estados produtores e a dificuldade de escoamento do grão para o mercado externo no RS, pela prioridade dada à soja nos terminais graneleiros, o que aumenta a oferta interna e tende a reduzir os preços.

Arroz irrigado – Preço ao produtor nas principais Praças do Rio Grande do Sul

(R\$/50 kg)

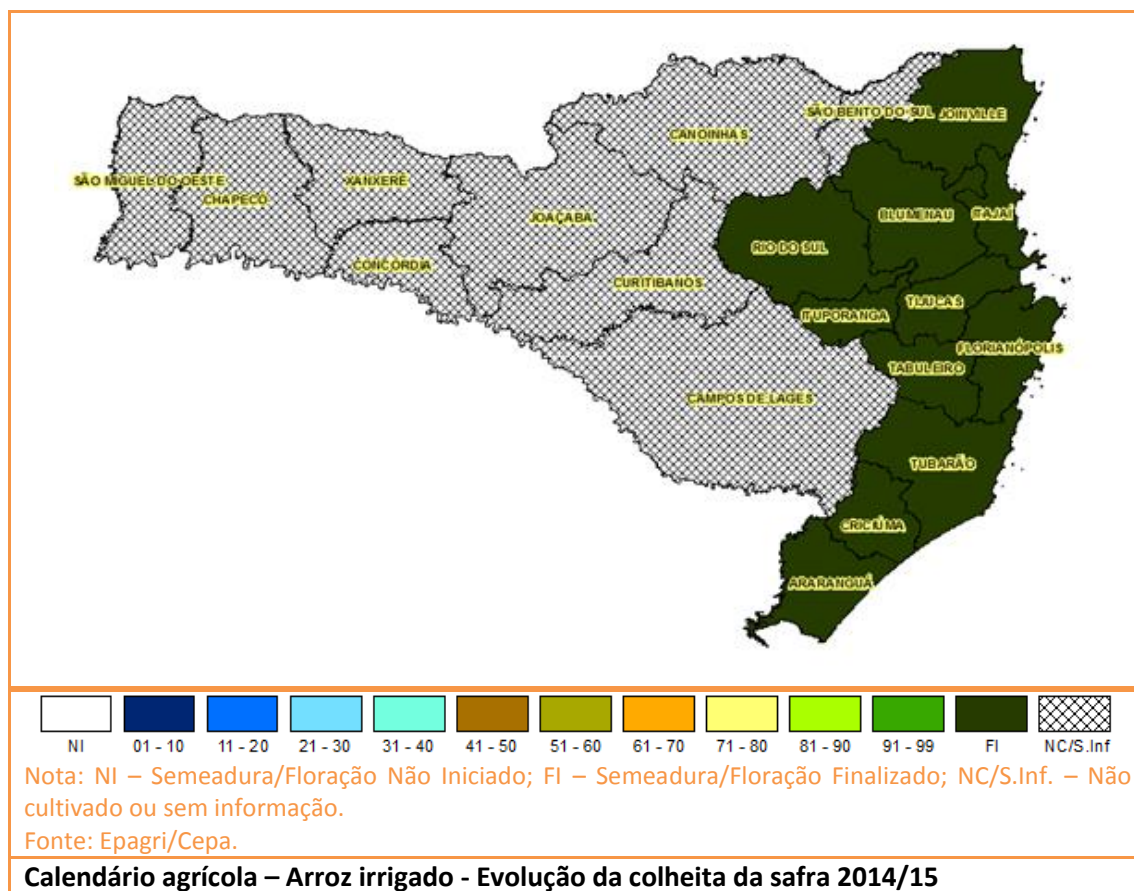
Praça	15/04/2015	15/05/2015	Var. Mensal (%)
Alegrete	35,00	36,00	2,86
Bagé	35,00	34,50	-1,43
Cachoeira do Sul	35,50	34,50	-2,82
Jaguarão	37,80	37,80	0,00
Pelotas	35,50	36,50	2,82
São Borja	35,80	36,50	1,96
Uruguaiana	34,50	34,50	0,00

Fonte: Emater/RS.

Arroz irrigado – Santa Catarina – Evolução da safra 2014/15

Microrregião	Estimativa inicial - Safra 2014/15			Estimativa atual - Safra 2014/15			Var.% (Estimativa atual/estimativa inicial)		
	Área Plantada (ha)	Quant. Produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. Produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Santa Catarina	148.456	1.105.430	7.446	148.513	1.085.399	7.308	0,04	-1,81	-1,85
Ituporanga	286	2.958	10.343	286	2.275	7.955	0	-23,09	-23,09
Rio do Sul	10.898	89.418	8.205	10.955	86.682	7.913	0,52	-3,06	-3,56
Blumenau	8.235	65.600	7.966	8.235	65.600	7.966	0	0	0
Itajaí	9.283	69.430	7.479	9.283	69.864	7.526	0	0,63	0,63
Joinville	19.811	164.207	8.289	19.811	157.487	7.949	0	-4,09	-4,1
Araranguá	51.660	369.274	7.148	51.660	359.292	6.955	0	-2,7	-2,7
Criciúma	20.869	149.740	7.175	20.869	149.740	7.175	0	0	0
Tubarão	21.468	155.585	7.247	21.468	155.585	7.247	0	0	0
Tijucas ⁽¹⁾	2.690	20.644	7.674	2.690	20.300	7.546	0	-1,67	-1,67
Florianópolis ⁽¹⁾	3.110	17.336	5.574	3.110	17.336	5.574	0	0	0
Tabuleiro ⁽¹⁾	146	1.238	8.479	146	1.238	8.479	0	0	0

 Fonte: Epagri/Cepa, ¹GCEA/SC.



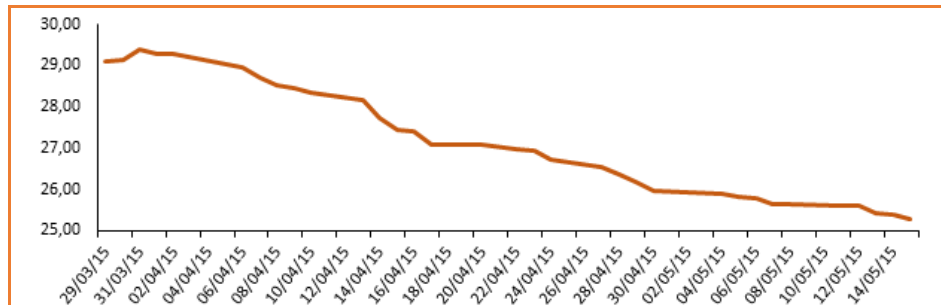
Microrregião	% de área colhida	Part.% da produção (safra 2014/15)
Joinville	100	15,0
Blumenau	100	5,9
Itajaí	100	6,4
Florianópolis	100	1,6
Tijucas	100	1,9
Ituporanga	100	0,2
Rio do Sul	100	8,1
Tabuleiro	100	0,1
Tubarão	100	14,2
Criciúma	100	13,7
Araranguá	100	32,6
Santa Catarina	100	100,0

Fonte: Epagri/Cepa.

A colheita da safra catarinense 2014/15 de arroz encontra-se estatisticamente encerrada em todo o estado, restando apenas pequenas áreas a serem colhidas. A qualidade dos grãos colhidos é boa e mantém a expectativa de produção em cerca de 1,085 milhões de toneladas.

Milho

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dr.^a Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Cepea/Esalq.

Milho – Evolução do preço médio nacional ao produtor

Milho - Preço médio ao produtor nas principais regiões produtoras do Mato Grosso do Sul e Paraná

Praça	(R\$/sc 60kg)		
	16/04/2015	15/05/2015	Var. Mens. (%)
Lucas do Rio Verde	14,70	14,00	-2,41
Sinop	14,05	13,45	-2,16
Sorriso	14,25	14,00	-0,88
Cascavel	21,00	19,40	-3,88
Londrina	20,30	19,00	-3,25
Maringá	20,30	19,00	-3,25
Ponta Grossa	25,00	23,00	-4,08

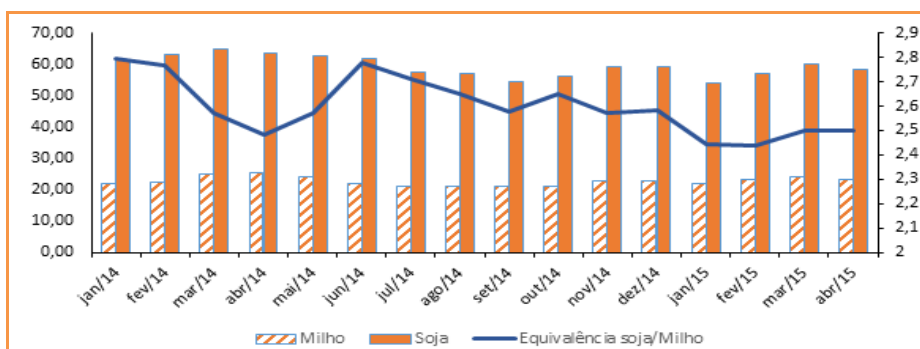
Fonte: Imea/Deral.

Preço médio do milho ao produtor nas principais praças de Santa Catarina – 2014/2015

Praça	(R\$/sc 60kg)		
	16/04/2015	15/05/2015	Var. Mens. (%)
Canoinhas	23,50	21,50	-4,35
Chapecó	23,00	22,00	-2,20
Joaçaba	25,00	21,50	-7,26
Rio do Sul	23,90	23,44	-0,97
Sul catarinense	24,00	22,50	-3,18
S. Miguel do Oeste	23,00	22,00	-2,20

Fonte: Epagri/Cepa.

Continuando a tendência apresentada na última quinzena, os preços do milho nas principais praças apresentaram queda expressiva, no Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina. Essa tendência de queda também foi observada no preço médio nacional. Essa variação negativa é explicada pela expectativa de bom desempenho da segunda safra do grão nas principais regiões produtoras, em decorrência do clima propício para desenvolvimento da cultura. Além disso, o relatório divulgado pelo USDA também dá indícios de que a safra americana atingirá patamares tão altos quanto a safra que se encerrou.



Fonte: Epagri/Cepa.

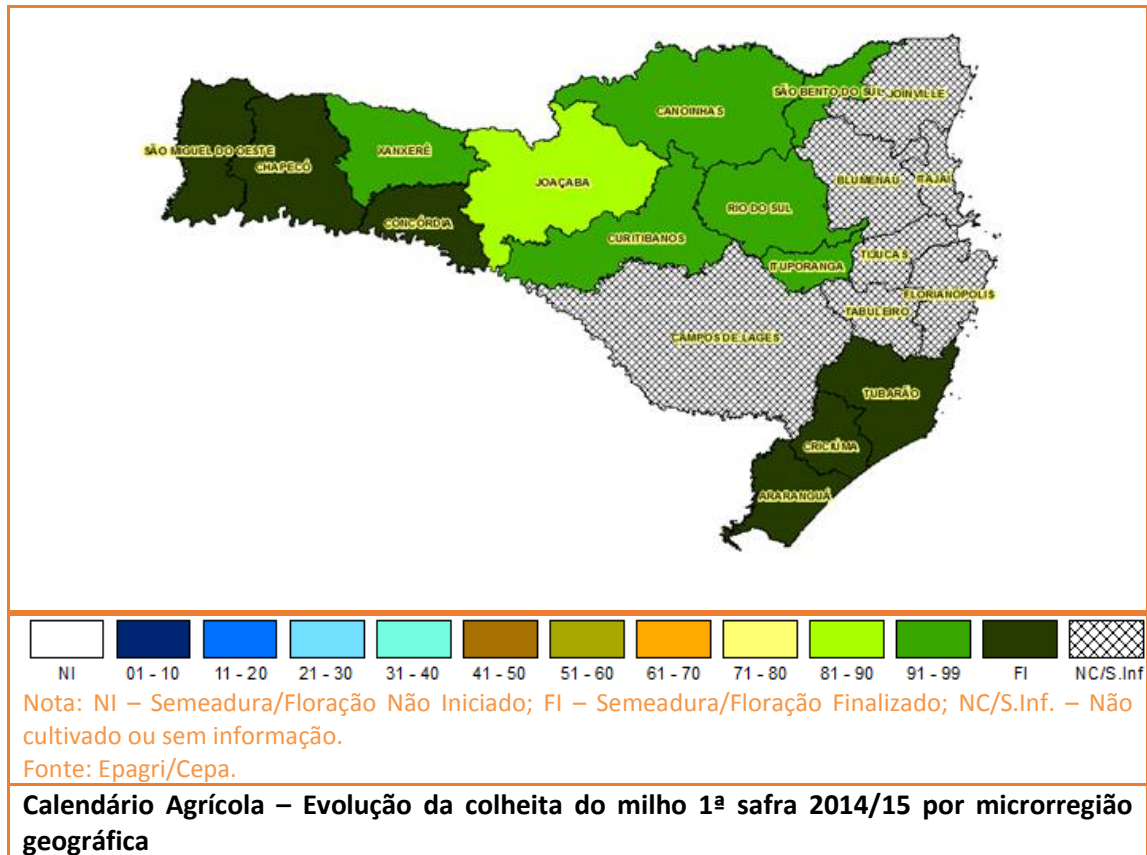
Preço médio do Milho e Soja, e equivalência de preços em Santa Catarina - (sc 60 kg)

A queda nos preços do milho (sc 60 kg), combinada a uma relativa estabilidade dos preços médios da soja (sc 60 kg) nos últimos meses, culminaram em uma equivalência de preços favorável ao produtor de soja. Dessa forma, considerando os custos de produção e o retorno obtido com a produção de soja, tem-se o avanço da área destinada a produção de soja sobre a área de milho.

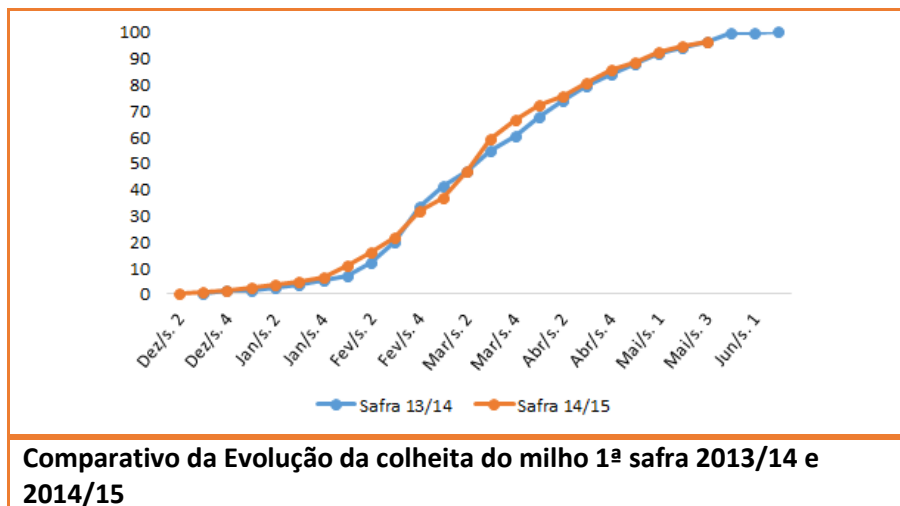
Milho 1ª safra – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2014/15

Microrregião	Safra 2013/14			Estimativa Safra 2014/15			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Total	436.165	3.219.967	7.382	411.183	3.108.511	7.560	-5,73	-3,43	2,44
Araranguá	3.295	16.310	4.950	3.749	19.056	5.082	13,78	16,84	2,67
Canoinhas	46.150	406.905	8.817	40.000	358.520	8.963	-13,33	-11,89	1,66
Chapecó	68.227	589.671	8.643	68.320	550.681	8.060	0,14	-6,61	-6,75
Concórdia	31.368	285.213	9.092	34.750	235.966	6.790	10,78	-17,27	-25,32
Criciúma	5.572	27.903	5.008	5.788	31.284	5.405	3,88	12,12	7,93
Curitibanos	36.350	236.406	6.504	27.258	230.412	8.453	-25,01	-2,54	29,97
Ituporanga	8.540	34.520	4.042	7.658	47.204	6.164	-10,33	36,74	52,50
Joaçaba	69.725	557.452	7.995	62.877	485.683	7.724	-9,82	-12,87	-3,39
Rio do Sul	20.885	107.058	5.126	22.529	127.321	5.651	7,87	18,93	10,24
São Bento do Sul	6.400	40.320	6.300	6.000	39.210	6.535	-6,25	-2,75	3,73
S. Miguel do Oeste	52.350	352.490	6.733	49.000	363.990	7.428	-6,40	3,26	10,32
Tubarão	5.075	24.794	4.886	4.943	26.150	5.290	-2,60	5,47	8,27
Xanxerê	35.930	340.246	9.470	34.530	328.216	9.505	-3,90	-3,54	0,37
Outros	46.298	200.679	4.335	43.781	264.818	6.049	-5,44	31,96	39,54

Fonte: Epagri/Cepa.



A colheita de milho 1ª safra entra em estágio final no estado de Santa Catarina. No total do estado, cerca de 96,3% do milho já foi colhido, restando a maior parte do grão para ser colhido nas microrregiões de Joaçaba e Curitibaanos, onde o plantio ocorre mais tarde. Na região oeste e sul do estado a colheita encontra-se encerrada. A qualidade do grão é boa e segue confirmando a expectativa de que esta seja uma safra expressiva de milho. A expectativa atual é de que a área plantada de milho totaliza cerca de 411 mil hectares e uma produção de 3,108 milhões de toneladas, para uma produtividade média de 7,5 toneladas por hectares. No comparativo entre as safras 2013/14 e 2014/15 do milho 1ª safra, observa-se que o comportamento da colheita das mesmas foi parecido e dentro do período previsto. Isto se deve a não ocorrência de problemas climáticos que impossibilitassem ou atrasassem a evolução da colheita nas duas safras.



Soja

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dr.^a Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



A moeda norte americana que até a última semana havia sido de queda, apresentou leve recuperação mas voltou a cair nos últimos quinze dias. Essa oscilação do dólar nos últimos dias fez com que o indicador de preço médio da soja destinada à exportação tivesse o mesmo comportamento e fechasse os últimos dias com tendência de queda. Este foi o principal motivo para o mercado do grão operar lentamente nestes últimos dias.

Soja grão - Preço médio ao produtor nas principais praças de Mato Grosso do Sul e Paraná

Praça	(R\$/sc 60 kg)			Mercado
	31/03/2015	30/04/2015	Var. Mensal (%)	
Lucas do Rio Verde ⁽¹⁾	53,00	51,25	-1,66	↓
Primavera do Leste ⁽¹⁾	56,05	55,00	-0,94	↓
Sinop ⁽¹⁾	52,00	50,75	-1,21	↓
Sorriso ⁽¹⁾	52,50	51,25	-1,20	↓
Cascavel ⁽²⁾	56,50	55,50	-0,89	↓
Londrina ⁽²⁾	56,50	55,50	-0,89	↓
Maringá ⁽²⁾	56,50	55,50	-0,89	↓
Ponta Grossa ⁽²⁾	64,00	63,00	-0,78	↓

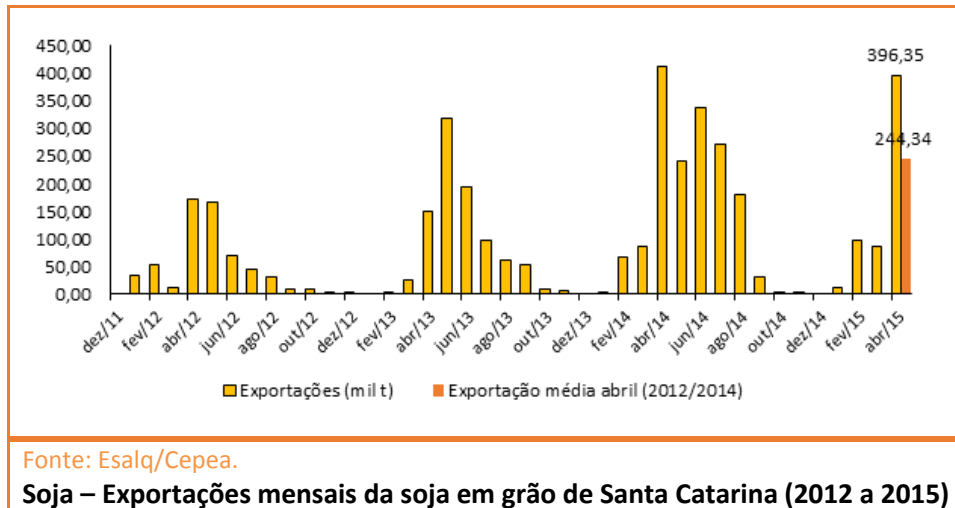
Fonte: ¹IMEA, ²DERAL/SEAB.

Soja grão - Preço médio ao produtor nas principais praças de Santa Catarina

Praça	(R\$/sc 60 kg)			Mercado
	15/04/2015	15/05/2015	Var. Mensal (%)	
Canoinhas	58,00	57,00	-0,87	↓
Chapecó	59,00	57,50	-1,28	↓
Joaçaba	58,62	56,67	-1,68	↓
São Miguel do Oeste	58,00	57,00	-0,87	↓

Fonte: Epagri/Cepa.

A oscilação do dólar frente ao Real nos últimos dias teve reflexos sobre o preço da soja nas principais praças do Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina. Nos últimos trinta dias a tendência foi de queda, embora menos expressiva em relação ao comparativo da última quinzena onde a variação foi em torno de -3% nos estados supracitados. Em Santa Catarina, a variação dos últimos trinta dias foi de aproximadamente -1,20% em média. As causas dessa variação, além da oscilação da moeda norte americana, são a expectativa de produção americana do grão na safra que se inicia no mesmo patamar da safra anterior, bem como pela maior oferta do grão no mercado pelo avanço da colheita para a fase final no estado.

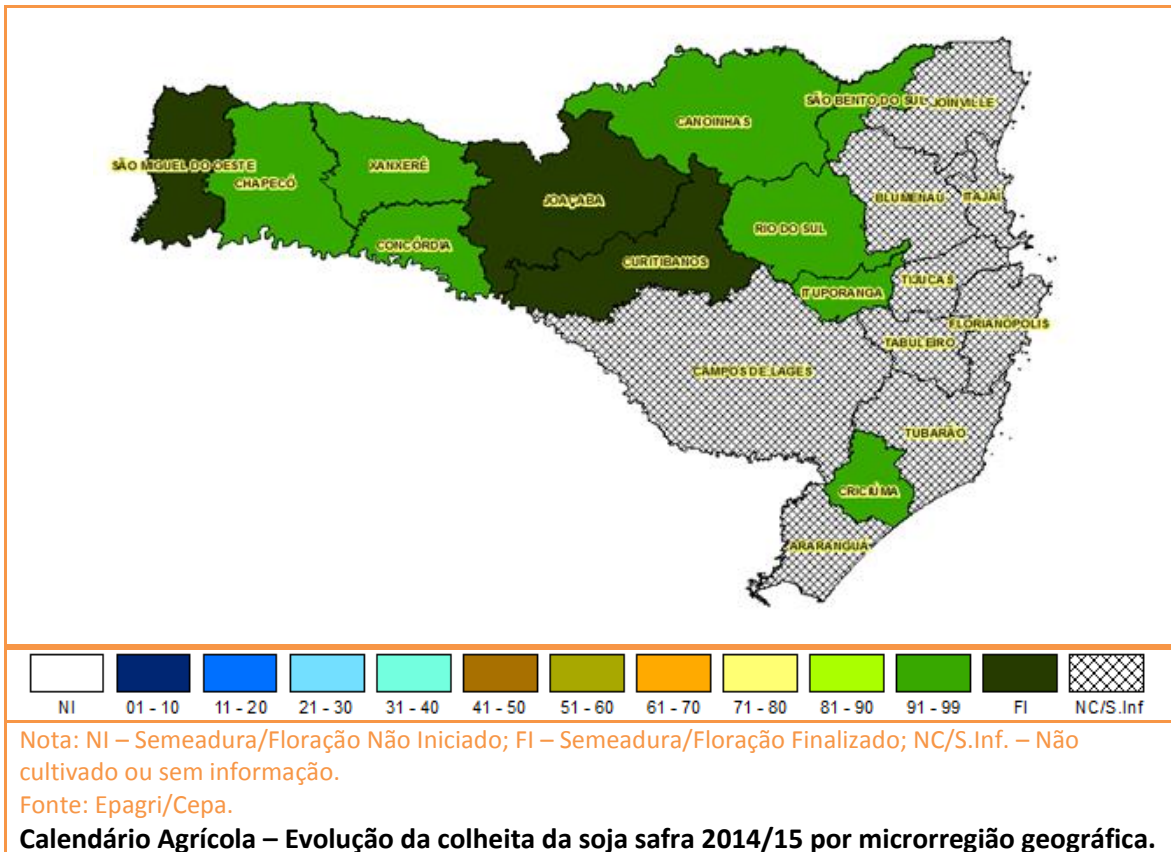


No que se refere ao mercado externo, as exportações de soja em grão, em mil toneladas, foi aproximadamente 62% maior que a média de exportações do mês de abril dos últimos três anos. Esta tendência de aumento das exportações pode ser verificada no gráfico acima, onde nota-se que o maior volume comercializado concentra-se nos meses de abril a agosto de cada ano e de 2012 para 2015 a evolução das exportações nesses meses se mostrou crescente. Assim como no Brasil, a China é o principal destino das exportações catarinenses, seguida pela Romênia e Irã.

Soja – Santa Catarina – Acompanhamento de safra

Microrregião	Safra 2013/2014			Estimativa atual Safra 2014/2015			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Total	553.727	1.698.170	3.067	578.426	1.799.734	3.111	4,46	5,98	1,45
Canoinhas	120.000	407.280	3.394	125.400	434.887	3.468	4,50	6,78	2,18
Chapecó	79.910	200.668	2.511	81.090	207.677	2.561	1,48	3,49	1,99
Concórdia	3.115	9.024	2.897	3.115	9.024	2.897	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	78.860	291.258	3.693	88.301	314.142	3.558	11,97	7,86	-3,67
Joaçaba	47.293	169.178	3.577	53.671	189.575	3.532	13,49	12,06	-1,25
São Bento do Sul	9.300	29.286	3.149	9.800	31.948	3.260	5,38	9,09	3,52
São Miguel do Oeste	35.840	72.065	2.011	36.810	89.169	2.422	2,71	23,73	20,46
Xanxerê	130.600	391.338	2.996	131.430	395.238	3.007	0,64	1,00	0,37
Outros	48.629	127.729	2.627	48.809	128.073	2.624	0,37	0,27	-0,12

Fonte: Epagri/Ceapa.



Microrregião	% Plantação	% Plantado estado
Canoinhas	99	23,40
Chapecó	99	11,24
Concórdia	99	0,50
Criciúma	97	0,02
Curitibanos	100	16,92
Ituporanga	97	0,64
Joaçaba	100	10,35
Rio do Sul	97	0,20
São Bento do Sul	99	1,69
São Miguel do Oeste	100	3,97
Xanxerê	99	21,35
Outros	99	5,63
Total		99,18

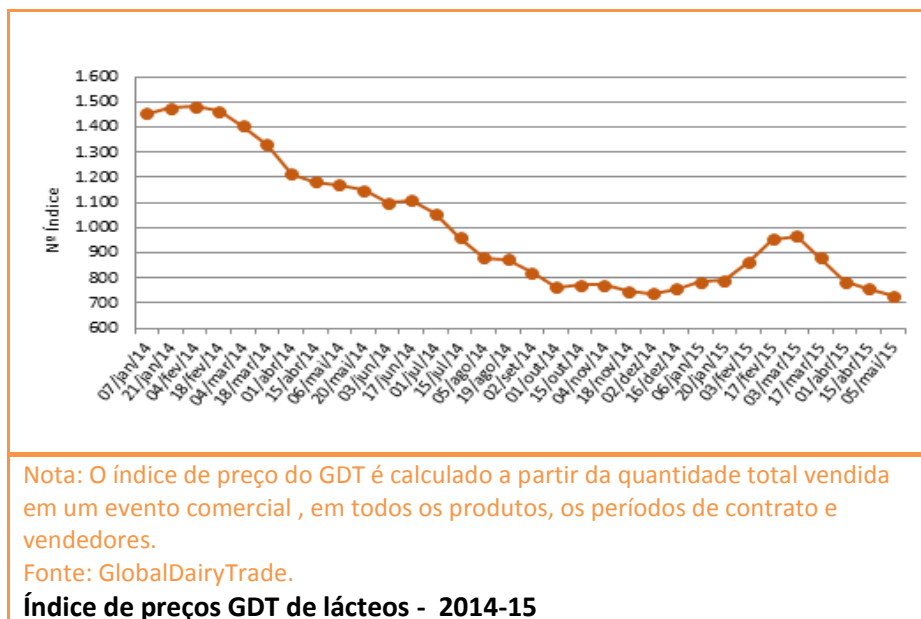
Fonte: Epagri/Cepa.

A colheita da soja está quase finalizada no estado de Santa Catarina. Na média do estado aproximadamente 99,18% do grão já foi colhido. A colheita segue ritmo normal, restando ainda algumas pequenas e médias propriedades para finalizar a colheita. A área plantada esperada de soja no estado nesta safra é de 578 mil hectares e produção de aproximadamente 1,8 milhões de toneladas.

Pecuária

Leite

Francisco C. Heiden
Analista de mercado – Epagri-Cepa
heiden@epagri.sc.gov.br



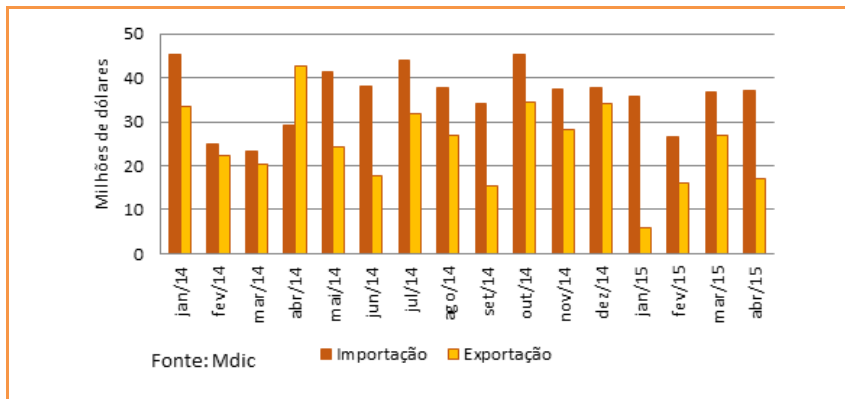
O índice da GDT apresentou o pior resultado desde início da crise de preços no mercado internacional, que iniciou em 2014. Uma recuperação mais efetiva dos preços é aguardada pelo mercado somente para segundo semestre de 2015.

GDT - Preço médio ponderado e variação do índice dos principais lácteos - 05/05/2015

Discriminação	Média dos lácteos	Leite em pó integral	Leite em pó desnatado	Manteiga	Queijo Cheddar
Preço médio ponderado US\$/t - FAS NZ	-	2.386	2.048	3.005	3.012
Variação do índice GDT (em relação ao leilão anterior)	-3,5%	-1,8%	-7,5%	-0,8%	9,1%

Fonte: Cepea.

A grande volatilidade dos preços no mercado internacional nos últimos leilões, fez a Fonterra reduzir o preço previsto para a safra 2014-15, de US\$3,62 para US\$3,46 por quilo de sólidos de leite, redução de 4,3% (extraído do Milkpoint).

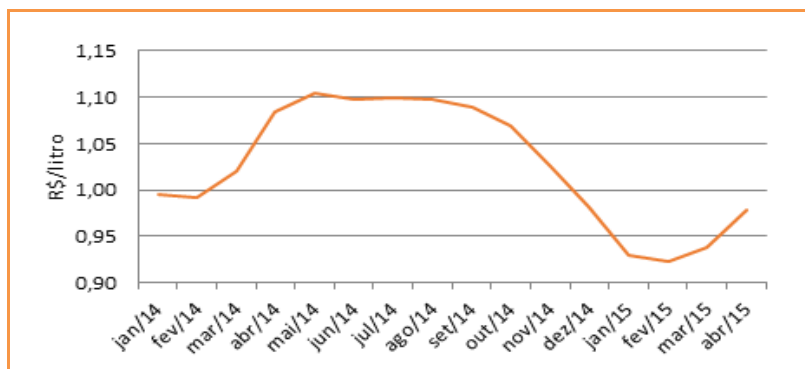


O déficit da balança comercial de lácteos aumentou 106,6% em abril de 2015. O valor das importações teve leve aumento (1,2%), em contrapartida o valor das exportações reduziu 36,6%, em relação ao mês anterior.

Fonte: Mdic.

Importação e exportação brasileira de lácteos -2014/15

No primeiro quadrimestre de 2014, o déficit da balança comercial foi de US\$ 3,7 milhões, passando para US\$ 70,2 milhões no mesmo período de 2015, aumento de 1.776,8%. O expressivo aumento do déficit comercial se deve, principalmente, à redução das exportações para diversos países, mas o maior impacto foi na redução das vendas do Brasil para a Venezuela e Argélia, cujo valor das exportações para estes países foi 82,6% menor em 2015.



Nota: Preço com frete e INSS incluso; o preço do mês se refere ao leite entregue no mês anterior.

Fonte: Cepea.

Leite - Evolução do preço médio nominal ao produtor no Brasil-2014-15

A redução da oferta de leite resfriado no mercado nacional fez o preço ao produtor subir pelo segundo mês consecutivo.

Segundo o ICAP-L/Cepea, em março/2015 a captação de leite no Brasil caiu 6,6%. Apesar disso, a oferta de leite resfriado, em março/2015 foi 11,3 % maior que março de 2014. Esse crescimento anual da oferta de leite combinado com o quadro de baixo crescimento da economia brasileira e com a fraca exportação de lácteos, dificulta explicar o aumento dos preços do leite ao produtor.

Em abril/2015, o preço médio nos sete principais estados produtores subiu 4,4%, as maiores altas ocorreram nos estados de Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Paraná com aumentos de 7,5%, 5,4%, 4,8% e 4,1% respectivamente.

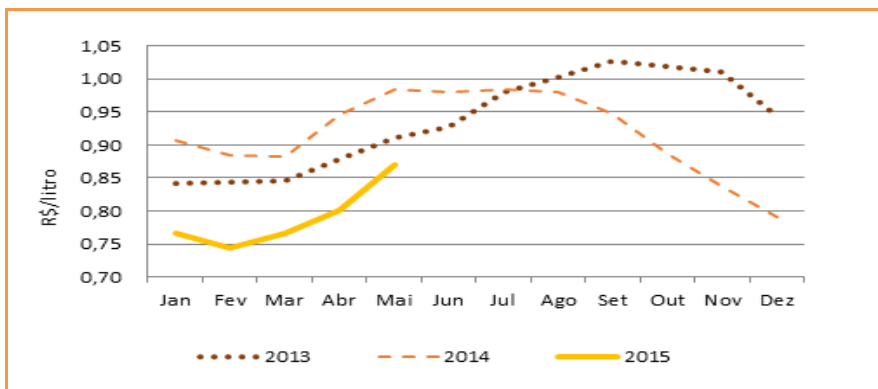
Leite resfriado - Preço médio nominal ao produtor, nos principais estados produtores

(R\$/litro)

Mês / ano	Preço médio							
	MG	RS	SP	PR	GO	BA	SC	Brasil
Jan./15	0,9325	0,9062	0,9833	0,9241	0,9030	0,9910	0,8947	0,9292
Fev./15	0,9444	0,8895	0,9631	0,9054	0,8934	0,9792	0,8737	0,9226
Mar./15	0,9511	0,8936	0,9699	0,8984	0,9581	0,9790	0,9030	0,9376
Abr./15	0,9861	0,9124	1,0223	0,9352	1,0296	0,9945	0,9464	0,9791

Nota: Preço com frete e INSS incluso; o preço do mês se refere ao leite entregue no mês anterior.

Fonte: Cepea.

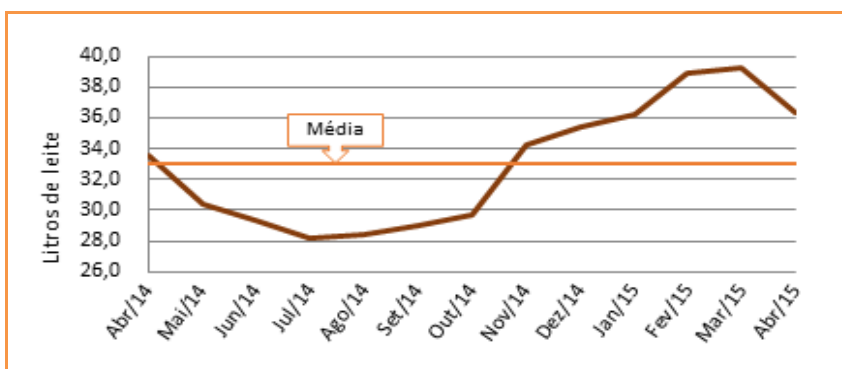


Preço corrigido (IPG-DI - Abril/15).

Produto posto na propriedade rural e com INSS incluso.

Fonte: Epagri-Ceapa.

Leite - Preço médio do leite pago ao produtor nas principais regiões produtoras de Santa Catarina, no período de pagamento do produto entregue no mês anterior - 2013-15



Fonte: Epagri-Ceapa.

Quantidade de litros de leite necessária para comprar um saco de milho em Santa Catarina: 2014-15

Nas principais regiões produtoras de Santa Catarina o preço médio do leite resfriado pago ao produtor cresceu 8,8% em maio. O preço médio regional foi R\$ 0,78 em Rio do Sul, R\$ 0,86 no Sul Catarinense, R\$ 0,87 em Joaçaba, R\$ 0,92 em São Miguel do Oeste e R\$ 0,94 em Chapecó.

A equivalência entre os preços do leite resfriado pago ao produtor e o preço do milho no atacado em Santa Catarina, ficou mais favorável ao produtor de leite. Em abril/2015, eram necessários 36,4 litros de leite para comprar um saco de milho, 2,9 litros menos que no mês anterior. Para os próximos meses a expectativa é de que esta relação de troca seja ainda melhor, com o preço de leite aumentando, proporcionalmente, mais que o preço do milho.

Bibliografia citada

ABIMILHO – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DO MILHO. Oferta e demanda do milho do Brasil. Disponível em: <http://www.abimilho.com.br/estatistica>. Acesso em: 25 jun. 2014.

ABPA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. Produção brasileira de carne suína – 204 A 2012. 2014. Disponível em: http://www.abipecs.org.br/uploads/relatorios/mercado-interno/producao/Producao_2012.pdf. Acesso em: 25 jun. 2014.

AMORIM, C. (2010). Existe realmente o BRIC? *Revista Economia Exterior*. Espanha: ed.52, primavera de 2010.

BARBOSA, P. B.; DE LIMA, G. J. M. M.; FERREIRA, A. S. **Estimativa da quantidade de ração necessária para produção de um suíno com 100 kg de peso vivo**. Comunicado Técnico, 133. Embrapa - Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves, p. 1-3. Março, 1988. Disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/58898/1/CUsersPiazonDocuments133.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2014.

CEPA – CENTRO DE SOCIOECONOMIA E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA. **Preços médios mensais de produtos agrícolas recebidos pelos agricultores em SC**. Junho de 2014. Disponível em: http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/produtos/precos/Precos_recebidos_sc_2014.xls. Acesso em: 20 jun. 2014.